

As Redes Sociais Como Componentes da Cultura Escolar no Ensino Superior¹

Eduarda Escila Ferreira LOPES²

Vera Tereza VALDEMARIN³

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” Rio Claro, São Paulo, SP

RESUMO

A proposta do trabalho é revisar questões teóricas envolvidas no processo que nos levará a identificar as alterações do cotidiano da cultura escolar tendo elemento o uso de dispositivos móveis, a internet e as redes sociais por parte dos universitários. Os estudos realizados até o momento que abarcam a teoria conceitual de cultura escolar perfazem a compreensão da cultura e da cultura digital. Como procedimento teórico-metodológico a pesquisa está ancorada em diferentes autores que tematizaram as questões das práticas e da cultura escolar, tais como: Marilena Chauí, Pierre Bourdieu e Pierre Levy, Raymond Williams, Roger Chartier entre outros. No presente estudo também serão abordados os preâmbulos da pesquisa empírica e seus primeiros resultados das entrevistas com alunos do Curso de Publicidade e Propaganda da Universidade de Araraquara- UNIARA.

PALAVRAS-CHAVE: educação; cultura digital, cultura, ensino superior, tecnologias.

1. Universos da Cultura

Não é uma tarefa fácil estudar e definir “cultura”. A palavra em si está repleta de significados multidisciplinares que servem de estudo para várias áreas, diversas metodologias e usos, isto tudo porque sua essência perpassa por diferentes setores do cotidiano da humanidade. Do ponto de vista dos estudos sociológicos, filosóficos e historiográficos, o interesse pelo estudo da cultura apresenta uma ampla linha de interpretações, e é entendida por meio de vários estudos acadêmicos com diferentes relações entre fatos, métodos e formas de reflexão.

O termo cultura também tem sido usado por outros campos de estudos e ambientes mercadológicos como, por exemplo, os campos de cultura organizacional, de cultura política e cultura do consumidor moderno. Assim, os conceitos de cultura são diversos na atualidade e o termo acompanha vários universos como, por exemplo: cultura

¹ Trabalho apresentado no DT 6 – Interfaces Comunicacionais do XXII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 22 a 24 de junho de 2017.

² Doutoranda em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNESP- Rio Claro e docente da Universidade de Araraquara, email: eduardaesvila@gmail.com

³ Orientadora e docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNESP- Rio Claro, email:veravaldeamarin@gmail.com

da moda, cultura de games, cultura de jogos etc, e sua significação varia, como já explicitado, dependendo do contexto a que está ligada.

É fato que, ao longo do tempo, foram usadas diversas interpretações do termo o que culmina em diversas definições de cultura por que talvez dentro de um cotidiano existem várias práticas que nos levam a enxergar a cultura, ora como algo individual ora como fator coletivo. A pesquisa proposta faz abordagens sobre essas questões conceituais afim de refletir sobre a cultura digital em sala de aula.

1.1. Resgate das Interpretações de Cultura

Em sua obra *Palavras-Chave* (2007), Williams resgata muito mais que os conceitos da palavra cultura e apresenta ao leitor os aproveitamentos que a sociedade fez destes em diferentes ocasiões da história. Após a leitura da obra desse autor fica claro que fatores históricos e de progresso alteraram o uso da palavra cultura e seu conceito ganhou novos pesos.

(i) substantivo independente e abstrato que descreve o processo de desenvolvimento intelectual, espiritual e estético a partir do século 18. (ii) o substantivo independente, quer seja usado de modo geral ou específico, indicando um modo particular de vida, quer seja de um povo, um período, um grupo ou da humanidade em geral, desde Herder e Klemm. Mas também é preciso reconhecer o substantivo independente e abstrato que descreve as obras e as práticas da atividade intelectual, particularmente, artística (WILLIAMS, 2007, p. 121).

Visto desta forma, podemos depreender que o estudo da cultura tem variantes. Se analisado pela história, abarca um conceito diferente daquele visto pela sociologia, que também se difere dos estudos antropológicos.

Geertz (2008), defensor e idealizador da antropologia simbólica ou interpretativa, em seu texto denominado *Uma descrição densa - por uma teoria interpretativa da cultura*, leva-nos a pensar que a cultura tem que ser percebida e não definida por coisas materiais:

Como sistemas entrelaçados de signos interpretáveis (o que eu chamaria de símbolos, ignorando as utilizações provincianas, a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos, ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível- isto é descritos com densidade (GEERTZ, 2008, p.10)

Cultura, segundo o autor, é um grande sistema com vários significados divididos publicamente, sejam eles materiais ou imateriais. Dessa forma, o termo está mais ligado

à linguagem e à sua operação a todo momento, ou seja, a um sentido semiótico. O estudo etnográfico é primordial para o entendimento da cultura, já que realiza uma descrição do contexto, das articulações sociais, desde os pormenores das relações até um comportamento de grupo. Nesse sentido, entendemos que se tem que falar em “culturas” e não “cultura”, já que o ser humano expressa o que vive fazendo da cultura algo que se recria, que tem sempre uma nova. Se observada por este ângulo, a cultura escolar deve ser estudada não só em elementos fixos como componentes (alunos, docentes e funcionários), materiais e metodologias, mas, sim, num ato interpretativo de condições temporais, históricas e nos paradigmas que envolvem cada geração. No estudo com universitários na atualidade nacional, uma rede de relações e fluxo de informações e relacionamentos devem ser parâmetros verificados, acrescidos do estudo da cultura escolar em seu aspecto mais estrutural. Acreditamos que se deve interpretar as redes e as teias de envolvimento que os alunos do ensino superior têm do cotidiano, desde a escolha da universidade, a formação anterior, o relacionamento que no cotidiano extra sala de aula tem como trabalho, a tecnologia e o futuro.

Observando outra ótica, Jean Claude Fourquin, em sua obra *Escola e Cultura* (1993), aborda a discussão da escola e da transmissão de cultura considerando quais conteúdos devem fazer parte do currículo escolar. O autor ressalta o peso do ensino de temas de valores peculiares ultrapassa as demandas momentâneas e, portanto, que faz parte das mudanças consideradas universais, como é o caso do comportamento digital, considerado hoje por todas as áreas do conhecimento uma das últimas grandes transformações da humanidade. Isto posto, o autor nos leva a considerar a escola como um espaço de preservação de elementos culturais. Dessa forma, as novas tecnologias em sala de aula reforçam um cotidiano representado nos estudos, nas leituras, e na busca por informação, além de em questões técnicas de armazenamento e compartilhamento.

Roger Chartier propõe o entendimento da cultura pelo texto e pelas práticas a que ele se refere, ou seja, vê o texto como mediação para compreender o termo. Em seu texto *Cultura Popular: revisitando um conceito historiográfico* o autor elenca dois modelos de interpretação de cultura, entre os quais não há conflitos. Os dois conceitos podem até mesmo ser usados em uma mesma reflexão.

O primeiro no intuito de abolir toda forma de etnocentrismo cultural, concebe a cultura popular como um sistema simbólico coerente e autônomo, que funciona segundo uma lógica absolutamente alheia e irreduzível à da cultura letrada. O segundo, preocupado em lembrar a existência das relações de dominação que organizam o mundo social, percebe a cultura popular em suas

dependências e carências em relação à cultura dos dominantes. Temos, então, de um lado, uma cultura popular que constitui um mundo à parte, encerrado em si mesmo, independente, e, de outro, uma cultura popular inteiramente definida pela sua distância da legitimidade cultural da qual ela é privada (CHARTIER, 1995, p. 179)

Para Chartier os modos de usar e as práticas é que apresentam o popular. A apropriação das práticas é o meio para que setores diferentes funcionem numa mesma produção de sentido, ou seja, superando o conceito de popular como algo independente. Para o autor, a produção e o consumo devem ser objetos comuns de análise. Além disso, Chartier discursa sobre o conceito de cultura enquanto prática, sugerindo que para seu entendimento sejam usados conceitos de apropriação e representação. A apropriação é algo próximo ao mundo social, observável ou não em diversos grupos sociais e em diversas configurações.

Com base nos aspectos observados na construção deste estudo, é legítimo e permissível interligar alguns conceitos como a relação conceitual entre todos os modos de vida em sociedade, do indivíduo e do grupo, o que define a posse da cultura. Dentre os autores estudados, o ponto de congruências é o de que a cultura pode ser medida pela classificação individual ou pela de sociedade, desde que observadas as trajetórias e as visões de mundo. Levando em consideração esses aspectos, é preciso refletir sobre a sociedade contemporânea e a relação de novos hábitos do cotidiano que refletem nas práticas culturais, alterando o ritmo de tradições e unificando comportamentos recorrentes.

Em nível superior, a tecnologia digital, a internet e as redes sociais se tornam cada vez mais presentes em sala de aula como recursos de retorno para quase todas as atividades acadêmicas.

A interconexão em rede influencia a sociedade como um todo facilitando organizações, alterando hábitos, diminuindo distâncias e serve como instrumento de organizações das pessoas nos mais diversos sentidos dentre eles: ensino, pesquisa, social e político.

As redes sociais estão e são hoje alvo de desejo do ser humano que, a partir de certa idade, já é questionado pertencer ou não a uma rede. Assim, pessoas entram nas redes cada vez mais jovens. Por outro lado, os mais velhos, antes restritos a contatos telefônicos, impressos ou televisivos, criam hábitos e se aproximam deste panorama também através das redes sociais.

Os avanços tecnológicos na área da informação têm mudado consideravelmente o modo de vida das pessoas. Nos últimos anos não só a economia, mas também o mercado de trabalho e as corporações têm sido afetados por essas mudanças e toda a cultura tem sido influenciada pelo mundo digital.

Na escola, professores e alunos usam preferencialmente a fala como recurso para interagir, ensinar e verificar aprendizagem. Em muitos casos, o aluno é o que menos fala. A voz do professor, a televisão e o vídeo, além de outros tipos de “equipamentos narrativos”, assumem papel de “contadores de histórias” e os alunos de ouvintes. Por meio de longas narrativas orais, a informação é transmitida, na esperança de que seja armazenada na memória e aprendida. A sociedade oral, de todos os tempos, aposta na memorização, na repetição e na continuidade (KENSKY, 2007, p.29).

Com o cotidiano recheado de possibilidades de conexão, conhecemos um ser humano conectado e acessível. No rastro da internet e da evolução dos meios de comunicação e como resultado de convergência e desenvolvimento tecnológico estamos na era dos dispositivos móveis aqui representando pelos equipamentos de bolso ou mão que frequentemente acompanham os alunos em suas atividades diárias com possível conexão a internet wi-fi ou internet “pessoal”. São eles aparelhos de celulares, tablets, computadores pessoais (notebook, notebook). Por internet pessoal entende-se o contrato que o usuário tem com as operadoras de telefonia que disponibilizam acesso a internet 3G ou 4G em aparelhos como celulares ou tablets. Em 2014, o IBGE divulgou uma pesquisa afirmando que 36,8 milhões de casas já tinha acesso à internet ou que representa 54,9% do total de lares conectados. Em 2013 o índice era de 48% dos lares, ou seja, houve um crescimento considerável e representativo no espaço de um ano, aproximadamente 7%. Identificando pessoas acima de 10 anos, os resultados revelam que 54,4% deles que são 95,4 milhões já tinham acesso a internet. A comunicação é mediada por dispositivos criando novas formas de leituras, interpretações e convivências. A leitura está na “palma da mão” e pode ser feita a qualquer momento num jogo de olhar sobre a tela e num simples toque (touch).

2.Comportamento Digital dos Universitários- Curso de Publicidade e Propaganda

Entende-se aqui a necessidade de observar a sociedade brasileira na sua complexidade do sistema produtivo, econômico e social bem como, ainda mais de perto,

deve ser notado as expectativas, e necessidades, valores, desejos de grupos e do indivíduo. Desta forma, entender novos comportamentos nos remetem aos conceitos iniciais de pesquisa que surge do *latin perquirere*, e quer dizer “buscar com cuidado, procurar por toda parte”, informar-se, inquirir, perguntar, indagar profundamente, aprofundar. (ZIKMUND: 2006, p.04).

Neste trabalho foi realizada pesquisa quantitativa, exploratório e descritiva que se caracteriza pela coleta de dados que descreve uma conjuntura através de dados estatísticos, neste caso havendo a mensuração numérica das amostras ou universos investigados. O instrumento de coleta de dados foi elaborado com questões fechadas e abertas no total de 42 perguntas. As temáticas abordadas no instrumento de coleta de dados, versam sobre as seguintes características: Perfil do entrevistado; Uso dos dispositivos em aula; Uso das redes sociais; Lazer e relação com tecnologia; Compras pela internet; Estudos pela internet.

As seis primeiras questões versam sobre a identificação do entrevistado aferindo características declaradas sobre sexo, idade, situação profissional, situação de trabalho e estudo. As questões sobre sexo e idade visam equilibrar e criar “filtros” importantes de controle das respostas já que num determinado momento poderá ser relevante ter resultados dos hábitos analisados separadamente, ou seja, tendo como respostas o perfil masculino, feminino ou de alguma faixa etária. O mesmo acontece com estado civil.

Sobre a situação profissional pergunta-se sobre trabalho e estágio e número de horas considerando que num momento de análise isto pode se tornar fundamental para entender a demanda por novas tecnologias, formas de comunicação e características de uso, já que os dispositivos fazem parte de uma cultura escolar mas também do cotidiano e da cultura contemporânea.

As questões sete e oito aferem os hábitos de lazer durante a semana e no final de semana, questionando a presença de lazeres como passeio, prática de esportes, dança e também o uso da internet e de jogos como atividade de entretenimento. A divisão entre semana e final de semana apontará diferenças que podem estar relacionadas a vida acadêmica.

Ainda sobre o trabalho perguntamos sobre o tipo de contrato para identificar vínculo e em seguida relacionamos com a itens como smartphone, notebook, tablete, automóvel, mp3, câmera digital. Desta forma, é possível identificar o que o entrevistado faz com os dispositivos fora da sala de aula.

Em seguida iniciamos as questões que versam sobre a sala de aula, objeto deste estudo. A questão número onze aborda os itens que levam para faculdade como smartphone, notebook, tablete, caderno, fichário e outros e logo na questão seguinte (questão doze) aferimos a frequência de uso de cada dispositivo. Nas questões subsequentes (treze e quatorze) perguntamos sobre o uso do smartphone e computador em aula.

Na questão quinze solicitamos que os entrevistados identifiquem o que é indispensável para o estudo assim, podemos determinar a escolha dos dispositivos como recursos de aprendizagem. Na questão número dezesseis aferimos como é feito o registro com vistas a descobrir se a presença do caderno ainda existe e como se completam elementos novos como fotografia de slides e notebooks.

Na questão dezessete perguntamos sobre o uso das redes sociais para trabalhos escolares tendo em vista contribuição das mesmas para formação de grupos, pesquisas sobre os temas abordados em aula e contato com docentes. Especificamente sobre o whatsapp, elaboramos uma questão aberta para que o entrevistado tivesse a liberdade de descrever o uso que faz do mesmo em atividades acadêmicas.

As questões dezenove e vinte aferem a forma de armazenamento de arquivos como forma também de uso de acesso a informação e segurança dos registros acadêmicos. Nas perguntas vinte um e vinte e dois investigamos o uso das redes sociais durante o dia, a frequência e as atividades realizadas como jogos, bate papo, postagem de conteúdo na internet.

Os questionamentos sobre e-mail ficaram sob número vinte e três e vinte e quatro e vinte e cinco que identificam o uso e a frequência. As questões de número vinte e seis e vinte e sete perguntam sobre as redes sociais e o whatsapp e as subsequentes até número trinta e seis questionam o entrevistados sobre usos, acompanhamento de postagens, perfil de twitter, participação em comentários em redes sociais, blogs acompanhados, tipos de participação nas redes.

As questões trinta e sete até quarenta investigam hábitos de compra de produtos na internet e formas de realiza-los.

Nas investigações de número quarenta e um e quarenta e dois, abertas abordamos questões de uso da internet, do acesso e dos dispositivos para complementar conteúdos de sala de aula.

As entrevistas foram realizadas no período de maio a setembro de 2016 seguindo as autorizações de docentes e escolhas de dias de aplicação em que não prejudicassem o calendário acadêmico dos cursos e disciplinas do Curso de Publicidade e Propaganda da UNIARA- Universidade de Araraquara. O processo de tabulação de dados foi feito pelo MS- Office Excel que nos permite controle de entrevistados, filtros de conferência, filtros de análise e elaboração de gráficos e tabelas. As questões abertas foram analisadas uma a uma e foi feita uma categorização das respostas através de proximidade de hábitos e costumes.

2.1. Perfil dos universitários e usos de dispositivos, internet e redes sociais.

A primeira parte da análise refere-se ao perfil dos entrevistados. Dentre os entrevistados percebe-se que a maioria é do sexo feminino, 52% e do sexo masculino, 48% confirmando a tendência forte de inserção da mulher no ensino superior. No curso de publicidade e propaganda há um equilíbrio entre os gêneros.

A idade dos entrevistados está localizada na faixa entre 17 e 25 anos totalizando 85% dos alunos. A faixa de idade de 17 a 21 anos acolhe 35% dos entrevistados. 94% dos entrevistados são solteiros.

Observando outros dados e comparando com dados do Semesp ⁴ que divulgou um mapa do ensino superior em 2015 que apontava 6,165 mil matrículas no Brasil no ensino superior. Muitos deles oriundos de classes econômicas de menor poder de compra precisam trabalhar para custear os estudos, é possível destacar que 94 % exerce atividade como trabalho ou estágio para manter-se na universidade. Destes 33% já trabalham na área e 21% já fazem estágios, regulamentos pela lei 11788/08 que regem a capacitação prática dos estudantes e também por artigos específicos das Diretrizes Curriculares Nacionais. Fica claro que a busca pela ajuda financeira para arcar com a formação profissional está determinada por alunos que trabalham em média 08 horas por dia, 36%.

Dentre vários itens listados a internet aparece como a opção mais escolhida tanto no lazer e diversão durante a semana 25%, como no final da semana 19, entretanto não é o lazer absoluto ou seja, não soma a maioria das opções. Compõe a lista junto com ouvir música por exemplo, 18% durante a semana e sair para beber, 13% ou ir a restaurantes jantar, 9% no final de semana.

⁴ Dados disponíveis em relatório do SEMESP pelo endereço :<http://convergenciacom.net/pdf/mapa-ensino-superior-brasil-2015.pdf>

Adentrando o conhecimento o específico do universitário percebemos que 41% consideram o notebook indispensável para o trabalho e estágio e, 29% o smartphone. Outros itens como tablet e carro, ficam com porcentagem bem baixa em relação aos outros o que demonstra a importância da tecnologia na vida profissional, sugere que os dispositivos são mais importantes que a forma como chegar ao trabalho, o transporte.

A rotina de aulas do universitário funciona da segunda-feira a sexta-feira nos horários, das 19 às 22 horas. Sabemos que a rotina deste aluno envolve então trabalho e /ou estágio e estudo e que o lazer fica concentrado na internet e poucas outras atividades (conforme já relatado). Dos itens de dispositivos móveis que o aluno leva em sua rotina, o smartphone aparece com 44% e o caderno aparece com 29%. São dois itens mais citados e demonstram que o tecnológico não substitui o registro tradicional, já que os cadernos se mantem como reconhecido como importante dispositivo.

Quando perguntados especificamente sobre smartphone, 90% do total levam todos os dias numa constância de hábito. Já o notebook aparece com grandes variações, mas a grande maioria leva apenas em dias que precisam fazer trabalhos, 34%, 18% em outras ocasiões, 34% em dias alternados e 14% todos os dias.

Perguntados em relação ao Tablet, percebe-se que não há frequência de uso dentro da rotina escolar universitária já que a grande parte não usa e não respondeu, 50%.

O caderno, que se caracteriza como um dispositivo tradicional de registros é citado como instrumento que o estudante leva todos os dias, 64%.

Perguntados sobre quais atividades fazem no smartphone durante a aula, 31% fazem uso de comunicadores instantâneos (whatsapp, messenger, viber, etc.), 26% pesquisa para trabalhos de grupo, 21% ver postagens de amigos nas redes sociais e 5% ouvir música. Interessante que 11% ainda usam para gravar as aulas. 31% dos alunos usam comunicadores instantâneos dentro de sala.

Sobre as redes sociais, 43% usam para formação de grupos e troca de informações com colegas de sala. 37% usa o facebook diariamente, 28% o instagran e 17% o snapchat. Outras redes têm porcentagens abaixo de 9% como por exemplo o twitter. 100% dos alunos afirmar ter whatsapp.

Trocar de informações, comunicação do grupo de trabalho, passar arquivos e calendários de entrega, contato com professores, agendamento de encontro dos grupos, discussão de conteúdos de trabalhos, discussão para elucidar dúvidas, compartilhar arquivos e fotos, envio de ideias, áudio para melhor explicação e fotos para tirar dúvida,

troca de mensagem para montar trabalhos, divisão de tarefas de desenvolvimento de trabalhos, redução de custos de ligações, troca de referência bibliográfica.

Através dos dados acima e propondo um diálogo com os autores estudados e suas concepções pode-se fazer algumas considerações. Raymond Willians que enxerga a cultura de um primeiro ângulo como algo que representa um momento, um desenvolvimento intelectual, estético e espiritual, desta forma, observa –se fazer parte da cultura nacional a procura pelo ensino superior tal como, dentro disso trabalho e estudar ou seja, é claro que a pesquisa nos apresenta um perfil de alunos que trabalha e estuda refletindo novos comportamentos, adquiridos nas últimas décadas com ascensão do ensino superior noturno e particular, furto de políticas públicas de incentivo como abertura e ampliação de cursos de graduação em escolas particulares e públicas.

Mais adiante, em seus estudos Willians, também estabelece para cultura espaço na relação entre economia e relação de produção e sociedade, o que de certa forma valida os dados em relação a aquisição de equipamentos eletrônicos e sua presença como intermediador de contato sociais e acadêmicos. Na verdade, as formas de registro tradicionais ganharam reforço com a presença dos novos dispositivos. Percebe-se, porém, que não há substituição reforçando a ideia de Willians que “o lado de fora, o meio, está sempre em construção” e a construção não exige, necessariamente, rupturas, ela pode requerer junções.

Para Lahire(2006) que vê a consolidação das práticas legítimas também com a observação do individual as diferenças encontradas entre o uso da internet pela população /jovem e o uso da internet pelo universitário pode ser um exemplo já que no ensino superior a mesma se consolida com algo marcante dentro da sala de aula com parte das facilidades de organização acadêmica.

Ainda utilizando os estudos e definições para provocar um entendimento dos dados é possível afirmar que as redes sociais são facilitadoras de agendas. A instantaneidade faz com que deixe de ser um mero instrumento e esteja no dia a dia de diversos cursos.

Considerações

Este artigo apresentou um estudo sobre as teorias conceituais de Cultura, Cultura Digital, tendo por base autores como Raymond Willians, Roger Chartier, Jean Claude

Forquin e Bernard Lahire e nos permitiu entender a cultura digital tendo como partida a formação da cultura da sociedade contemporânea.

Propõe uma reflexão sobre o papel dos principais elementos do mundo digital como tecnologias, sociedade em rede, linguagens e comportamentos digitais e sua similitude com novos padrões de cultura escolar por parte de alunos universitários.

Nesta perspectiva, o grande desafio do mundo contemporâneo é saber lidar pedagogicamente com a presença das tecnologias, internet e redes sociais como apoio ou recurso da cultura escolar. Por fim, entendemos esse novo direcionamento de comportamento digital altera o cotidiano na sala de aula no que se refere ao aluno que já não tem apenas o caderno (ou não tem) mas, traz consigo dispositivos de pesquisa, registros e interação.

Referências Bibliográficas

- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.
- CHARTIER, Anne-Marie. *Um dispositivo sem autor: cadernos e fichamentos na escola primária*. In _____. **Revista Brasileira de Educação**, Campinas, 2001, n. 01.
- CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Unesp, 2009.
- _____. **História da vida Privada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- FOURQUIM, Jean-Claude. **Escola e Cultura: As bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar**. Porto Alegre: Artmed, 1993.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro. LTC, 2008.
- JULIÁ, Dominique. *A Cultura Escolar como Objeto Histórico*. In: **Revista Brasileira de História da Educação**, São Paulo, n1, jan/jun 2001.
- KENSKI, Vani Moreira. **Educação e Tecnologias: o novo ritmo da informação**. São Paulo: Papirus, 2007.
- _____. **Educação e Tecnologias: o novo ritmo da informação**. Campinas: Papirus, 2007.
- LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.
- LEVY, Pierre. **Inteligência Coletiva**. São Paulo: Editora Loyola, 1998.
- OLIVEIRA, Maria Rita Neto Sales. *Do mito da tecnologia ao paradigma tecnológico nas práticas didático-pedagógicas*. In _____. **Revista Brasileira de Educação**. Campinas, 2001, n.18.
- WILLIAMS, Raymond. **Cultura e Materialismo**. São Paulo, UNESP, 2011.
- _____. **Cultura e Sociedade**. São Paulo, 1986.
- _____. **Cultura**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.
- _____. **Palavras- Chaves**. São Paulo, Boitempo, 2007.